

SOCIABILIDADE E LAZER ENTRE MULHERES CAMPONESAS: VIVÊNCIAS NO CLUBE DE MÃES

Recebido em: 27/07/2019

Aprovado em: 22/01/2020

Licença: 

*Josiane Carine Wedig*¹

*Angélica Servegnini de Wallau*²

*Ana Flávia Padilha*³

*André Luiz Simonetti*⁴

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Campus Pato Branco⁵
Pato Branco – PR – Brasil

RESUMO: O estudo realiza uma análise de uma organização denominada clube de mães. A partir de um estudo de caso, na comunidade São Caetano, município de São Lourenço do Oeste, em Santa Catarina/Brasil, nosso objetivo foi compreender o papel que o clube de mães ocupa nas práticas de sociabilidade e nas formas de organização de mulheres camponesas. O clube de mães transpõe as dicotomias dos espaços sociais, abrindo a possibilidade de ação das mulheres no espaço público, já que elas passam a frequentar outras comunidades, e deslocam-se a outros municípios, para os quais viajam coletivamente. Ao observar o significado do clube de mães, compreende-se o aumento do reconhecimento e da visibilidade das mulheres camponesas, além da constituição de afeto entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Camponesas. Clube de Mães. Atividades de Lazer.

SOCIABILITY AND LEISURE AMONG PEASANT WOMEN: EXPERIENCES IN THE MOTHERS CLUB

ABSTRACT: The study conducts an analysis of an organization called the Mothers Club from a case study in the São Caetano community, municipality of São

¹ Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora adjunta de Sociologia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

² Graduada em Direito pelo Centro Sulamericano de Ensino Superior, Pós-graduanda em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza.

³ Engenheira Agrônoma e Mestranda em Agronomia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Pato Branco.

⁴ Acadêmico de Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Pato Branco.

⁵ As autoras e o autor estão vinculados ao grupo de pesquisa de Gênero, Juventude e Cartografias da Diferença (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0453055638518708), do Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Lourenço do Oeste, in Santa Catarina / Brazil, our The objective was to understand what role the mother club plays in sociability practices and forms of women's organization peasants. The mothers club bridges the space dichotomies opening up women's action in the space as they come to attend other communities, and they travel to other municipalities, to which they travel collectively. Observing the meaning of the mothers club means increasing the recognition and visibility of peasant women, as well as the constitution of affection between them.

KEYWORDS: Peasant Women. Mothers Club. Leisure. Activities.

Introdução

Este artigo analisa as formas de sociabilidade e lazer de mulheres camponesas, participantes de uma organização coletiva denominada clube de mães. A pesquisa foi desenvolvida entre novembro de 2017 e novembro de 2018. O contexto no qual realizamos o trabalho de campo foi a comunidade rural de São Caetano, situada no município de São Lourenço do Oeste, em Santa Catarina.

Esta comunidade é formada, em sua grande maioria, por descendentes de imigrantes italianos oriundos de processos de migração do Rio Grande do Sul e da região do extremo Sul de Santa Catarina, onde as famílias possuíam pequenas áreas de terra, o que provocou o deslocamento de seus filhos e filhas para novas fronteiras agrícolas, como forma de reprodução camponesa. Atualmente, a comunidade é composta por, aproximadamente, 70 famílias que vivem da agricultura, envolvidas na atividade leiteira, no cultivo em pequena escala de *commodities* de soja e milho, na bovinocultura de corte e na produção de policultivos para o autoconsumo. O tamanho médio das propriedades é de 17,8 hectares (o que é considerado abaixo do módulo rural da região, que é de 20 hectares) e a renda média familiar bruta é de cerca de R\$ 3.000,00 (três mil reais) mensais. Na comunidade, outra fonte importante de renda é a aposentadoria, recebida enquanto agricultora (e)s familiares.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com as 23 mulheres que formam o Clube de Mães “Entre Amigas”. A faixa etária destas mulheres varia entre 27 e 82 anos, e seus

níveis de escolaridade estão entre o fundamental incompleto e o ensino superior completo. Das integrantes, 17 são camponesas e as outras 6 são moradoras e trabalhadoras urbanas, mas que nasceram na comunidade São Caetano, preservando assim o vínculo com a comunidade.

Quadro 1: Caracterização das participantes

Nome	Idade	Nº de filhas/os	Estado civil	Habitação	Tamanho da propriedade (hectares)	Escolaridade
Alexandrina Perico ⁶	82	5	Casada	Rural	12	Fundamental incompleto
Alfonsina Deon	79	8	Viúva	Rural	24	Fundamental incompleto
Aline Pastorello	27	1	Casada	Urbana	—	Superior completo
Aurora Bauer	58	2	Viúva	Urbana	—	Fundamental incompleto
Celestina Camelo	66	3	Casada	Rural	7,2	Fundamental incompleto
Denise dos Santos	42	2	Casada	Rural	7,2	Fundamental incompleto
Ediane Ecker	32	0	Casada	Urbana	—	Superior completo
Eliane Périco	37	3	Casada	Urbana	—	Médio completo
Francieli Piassoli	30	1	Casada	Rural	21,6	Médio completo
Iracema Tenutti	69	6	Casada	Rural	4,8	Fundamental incompleto
Lídia Ecker	67	3	Casada	Rural	14,4 (conj.) ⁷	Fundamental incompleto
Lídia Lazarotto	79	6	Casada	Rural	25	Fundamental incompleto
Márcia Ecker	35	2	Casada	Rural	14,4 (conj.)	Fundamental incompleto
Maria Ebone	55	2	Casada	Rural	76	Fundamental incompleto
Marilaine Lazarotto	47	2	Casada	Rural	9,9	Superior incompleto

⁶ Optamos por utilizar o nome completo das mulheres, porque elas assim o autorizaram, enquanto forma de reconhecimento à sua organização.

⁷ Terra que é utilizada de modo compartilhado entre duas famílias.

Marilene Simonetti	40	2	Casada	Rural	19,8	Médio completo
Neiva Morchnacz	70	2	Casada	Rural	4,8	Fundamental incompleto
Noeli Ebone	51	2	Casada	Rural	28,5	Fundamental incompleto
Noeli Chaves	47	2	Casada	Rural	12	Fundamental incompleto
Rozana Ecker	30	1	Casada	Urbana	—	Superior completo
Zelir Monteiro	62	3	Casada	Rural	15,6	Fundamental incompleto
Zenaide dos Santos	58	0	Solteira	Urbana	—	Superior completo
Zonilda Pepe	63	3	Divorciada	Rural	24	Fundamental incompleto

Fonte: Elaborado pelas autoras/autor.

Nas entrevistas realizadas, buscou-se compreender as motivações e as condições do engajamento das mulheres na dinâmica do clube de mães. Para elas, esse ambiente de sociabilidade é o único frequentado apenas por mulheres no espaço público da comunidade. Os encontros ocorrem na antiga escola rural desativada⁸, que foi cedida para o clube de mães em 1999, por ocasião de sua fundação. As mulheres camponesas que participam do clube se organizam de modo autônomo, mesmo que em alguns momentos recebam verbas ou cursos da prefeitura municipal e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI).

Além das entrevistas semi-estruturadas com cada uma das integrantes do grupo, observamos reuniões e realizamos análise de documentos, a partir do livro de atas e de outros materiais fornecidos por elas e pela EPAGRI, onde constam registros dos assuntos que foram abordados nas reuniões mensais e nas demais atividades realizadas desde a fundação do Clube de Mães. As reuniões iniciam com uma oração, leitura da ata da

⁸ A primeira escola foi construída na comunidade no ano de 1957, em madeira; no ano de 1984 foi construída, em seu lugar, a nova escola, em alvenaria, que ficou em funcionamento até o ano de 1998, quando foi desativada com o argumento de *falta de alunos*, pela secretaria da educação.

reunião anterior, seguida da seção de recados e, então, realizam-se as atividades propostas para aquela reunião, que podem ser cursos ou apenas celebrações ou jogos.

Frequentemente é possível ouvir, nas conversas cotidianas no meio rural da região, que o lazer das mulheres camponesas é o Clube de Mães. Observa-se que há uma divisão sexual dos espaços de sociabilidade e lazer, em que o lazer das mulheres está mais restrito ao âmbito das suas residências, das redes de vizinhança e às visitas locais. Em oposição, o lazer dos homens é identificado pelo acesso ao campo de futebol, à cancha de bocha, ao bar, ao jogo de baralho etc. Neste sentido, a sociabilidade e o espaço de lazer rural, estão fortemente marcados pelas relações de gênero que prescrevem espaços diferenciados para homens e mulheres. Já os espaços comunitários, ocupados por todos coletivamente, são as celebrações religiosas e as festas comunitárias, que também são marcadas por atividades diferenciadas para homens e mulheres – na copa e na cozinha respectivamente.

Considerando o caso específico do clube de mães, apresentamos uma primeira explicitação do que são essas organizações, as quais estão presentes tanto em espaços rurais quanto urbanos (principalmente nas periferias dos grandes centros), como veremos. Buscamos identificar a percepção das mulheres camponesas sobre o clube de mães e que reconfigurações a sua participação nesta organização produz no interior da família e da comunidade rural. Portanto, a análise que se segue aborda os espaços de sociabilidade camponesa, além do lazer propiciado pelo clube de mães e as consequências dessa organização em termos de ampliação da autonomia dessas mulheres.

Alguns Apontamentos sobre o Histórico dos Clubes de Mães

Os clubes de mães são organizações de mulheres existentes em diferentes regiões do país (e em outros países da América Latina). Em termos históricos, eles são

organizações de mulheres que foram se constituindo de maneira mais ou menos independente. Luna (1995) aponta para a presença de “Clubes de Madres” no Peru, na Bolívia, na Colômbia e no Brasil, que se originaram por meio de políticas de desenvolvimento nos anos de 1960, impulsionadas pelo Estado ou por organizações filantrópicas. Azevedo e Barletta (2011) também apresentam estas organizações ligadas aos bairros e departamentos do Chile nas décadas de 1960 e 1970.

Segundo Senna & Fonseca (1995), no Brasil, os clubes de mães se constituíram, inicialmente, como atividades das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁹ e surgiram entre as camadas populares que lutavam por melhores condições de vida e de trabalho, durante os anos de 1970 e 1980 (JOAQUIM, 2013)¹⁰. Conforme Azevedo e Barletta (2011, p.133) eles se constituíram enquanto “grupos de mulheres, geralmente ligados às comunidades católicas de atuação inspirada na Teologia da Libertação” que incentivavam a participação das mulheres na sociedade, proporcionando reflexões sobre “as relações familiares e de trabalho e as dificuldades da vida na periferia”.

Cabe salientar que o período de surgimento dos clubes de mães coincide com a época de grande êxodo rural no país, em razão da modernização da agricultura e da consequente concentração da população nos grandes centros urbanos, nos quais o acesso à moradia, ao transporte, aos serviços etc., era precário. Azevedo e Barletta (2011) demonstram que os clubes de mães, nas periferias de São Paulo, cresceram em número nos anos 1970 e enfrentavam problemas referentes à habitação precária, falta de infraestrutura urbana, transporte público ruim e condições sanitárias deploráveis. As autoras apontam que as discussões realizadas nos clubes de mães se iniciavam com

⁹ As CEBs surgiram nos anos de 1960, a partir das Diretrizes do Concílio Vaticano II, ocorrido entre 1966 e 1968 e, posteriormente, adaptadas para a América Latina na Conferência Episcopal de Medellín em 1982. Ocorreu uma transformação na forma de ação da Igreja Católica, através da criação da Teologia da Libertação e da opção pelos pobres (SENNA & FONSECA, 1995).

¹⁰ Alguns levantamentos apontam que eles foram constituídos nos anos de 1960 (VIEIRA, 2005).

questões do âmbito privado, como relacionamento familiar e saúde das crianças, mas logo eram ampliados ao âmbito público, visto a ligação que há entre estas duas esferas. Passava-se a discutir os baixos salários, a falta de acesso ao atendimento de saúde, a falta de acesso à água, a ausência de escolas e creches, entre outros.

É importante considerar aqui como as relações da vida doméstica cotidiana, muitas vezes invisibilizadas, passam a se conectar, diretamente, à esfera definida como pública. Os clubes de mães dos bairros dos grandes centros urbanos passaram a pautar a questão do custo de vida, da criação e acesso às creches, além de debaterem a situação das mulheres na família e na sociedade, considerando o trabalho doméstico, a dupla jornada de trabalho e a situação precária das mulheres no mercado de trabalho (AZEVEDO & BARLETTA, 2011).

Junto a outras formas de organização comunitária como, por exemplo, as associações de bairro, os clubes de mães organizaram-se como espaços receptores e propositores de demandas das populações locais, encaminhando-as para a administração pública, constituindo-se, dessa forma, como locais de mobilização popular e de reivindicação de direitos pelas mulheres (SANTIAGO; OLIVEIRA; ANDRADE, 2009). Deste modo, eles contribuíram para “fomentar inúmeros movimentos populares por melhorias nos bairros, como as lutas por escolas, postos de saúde, creches, por transporte e pela regularização dos loteamentos clandestinos” (AZEVEDO; BARLETTA, 2011, p.133). Os clubes de mães podem ser definidos como movimentos sociais, nos termos de Scott (2011), permeados pelas formas cotidianas de resistência, muitas vezes sem organização formal, sem líderes formais, sem nome e sem bandeira.

Segundo Senna e Fonseca (1995), enquanto alguns clubes de mães têm se dedicado a trabalhos manuais e a práticas religiosas, outros estão mais voltados à construção de uma maior equidade social. Da ligação inicial com a Igreja, posteriormente,

estas organizações se tornaram mais autônomas (ANJOS, 2008). Senna e Fonseca (1995) observam que essas organizações podem se direcionar tanto ao reforço dos papéis sociais das mulheres, como fomentar o debate sobre formas de identidade mais libertas desses padrões.

Em alguns lugares, a criação dessas organizações esteve relacionada à reprodução do discurso que atribui às mulheres o papel de mães, reprodutoras e produtoras da moral e dos costumes, com responsabilidades maternais e domésticas. Portanto, seria a partir desta ordem moral que se constitui o direito de participação e intervenção das mulheres nos assuntos públicos (LUNA, 1995). Como salientam Fassini; Machado e Schultz (2013, p.425-426), a experiência relacionada a maternidade serve de pano de fundo para “costuras que amenizam conflitos e oportunizam entendimentos”. Desse modo, ao mesmo tempo em que se observa uma concepção ligada à propagação dos papéis tradicionais de gênero, vão sendo produzidas também formas cotidianas de resistência, que não são marcadas pela confrontação direta e coletiva ou por práticas desafiadoras, mas por evasões silenciosas e gradativas (SCOTT, 2011), que vão produzindo alianças e mudanças no interior das famílias e das comunidades, como veremos.

Sociabilidade e Lazer de Mulheres Camponesas

Compreender o clube de mães como parte do lazer das mulheres camponesas nos exige explicitar o que tem sido definido como lazer – fenômeno polissêmico com inúmeras conceituações e que podem, até mesmo, ser opostas. No entanto, em geral, ele é compreendido, em termos teóricos, enquanto uma produção dos efeitos da sociedade moderna urbano-industrial, que se desenvolveu a partir do século XVIII, no qual o trabalho nas fábricas acarreta o controle instrumental do tempo, demarcando o período de trabalho e não trabalho – esse último dividido entre tempo de descanso e tempo de lazer

(BRAMANTE, 1998).

Há, na sociedade moderna, uma pressão constante de uso do tempo para o trabalho, para a produtividade e, neste aspecto, a conquista do tempo de não-trabalho foi importante para a classe operária, mesmo que, o fenômeno marcado pela mercantilização de tudo tem, inclusive, buscado mercantilizar as formas de lazer (BRAMANTE, 1998). Nas sociedades que antecedem a modernidade, as atividades lúdico-religiosas-festivas estavam integradas à vida cotidiana e ao trabalho.

No que concerne às sociedades camponesas na modernidade, ocorre uma influência da divisão lazer-trabalho pela vida urbana (ANDRADE *et al.*, 2009). Não obstante, as comunidades rurais, mesmo permeadas pelas dinâmicas da vida urbano-industrial, também são perpassadas pelo ritmo de trabalho/não trabalho locais, com suas especificidades, marcadas pelo espaço/tempo das relações sociais de vizinhança, amizades e identidades ligadas à dinâmica cultural e à sociabilidade local, que se estabelecem pela complementaridade entre trabalho e lazer.

Nas comunidades camponesas, existem alguns espaços de lazer e de sociabilidade, como igrejas, associações, clubes e salões de festa, que compõem seus modos de vida e suas dinâmicas socioculturais, mantendo-as ativas. Na comunidade pesquisada, a igreja é o centro de sociabilidade das famílias e, principalmente, das mulheres – pois são elas que coordenam as *capelinhas*¹¹ e também são as *catequistas*¹².

¹¹ As chamadas capelinhas são imagens de santos que passam, mensalmente, de casa em casa, nas famílias católicas, onde permanecem uma noite. No dia seguinte, a família que abrigou a capelinha é responsável por levá-la até a casa do vizinho mais próximo. Na maioria dos casos a capelinha tem uma imagem de Nossa Senhora, e são as mulheres que a levam de uma casa à outra. Cada capelinha tem uma coordenadora (mulher), que é responsável pela manutenção da mesma, organização do roteiro e coleta do dinheiro que é depositado no seu interior pelas famílias como oferta para a igreja local.

¹² As catequistas são leigas responsáveis pela educação cristã católica para as crianças da comunidade. As crianças entram na catequese com 10 anos e permanecem em torno de 5 anos, realizando encontros semanais com a finalidade de obter os sacramentos católicos – primeira eucaristia e crisma. Homens também podem desempenhar o papel de catequista, mas na comunidade em estudo, no decorrer da história, poucos homens assumiram esse papel, que fica mais a cargo das mulheres.

As festas da comunidade são ambientes que permitem uma maior sociabilidade entre a(o)s moradora(e)s do local e suas (seus) parentes e amiga(o)s que vêm de outras localidades. Nesses eventos, normalmente, ocorre a divisão sexual do trabalho: em geral, os homens são responsáveis por providenciar e assar a carne, vender e servir as bebidas; as mulheres são encarregadas do preparo dos doces, de pães e cucas, das saladas, das comidas que acompanham a carne, como o arroz, a mandioca, a batata ou a massa, além da limpeza dos utensílios utilizados para preparar e para servir o almoço ou jantar.

Nos espaços de lazer rural, observa-se uma divisão sexual da sociabilidade entre homens e mulheres. Para os homens adultos, está reservado o campo de futebol, a cancha de bocha, a *bodega* – modo como é denominado o bar –, onde se reúnem para jogar baralho, conversar e beber. Esses são os espaços públicos da comunidade e, dificilmente, são frequentados pelas mulheres. Já o lazer das mulheres adultas, solteiras ou casadas, com ou sem filhos, é a visita entre si, em suas casas, a feitura do artesanato (crochê, bordado, tricô, pintura em tecido, etc.), assistir televisão, e participar do clube de mães. Frequentar a igreja e as festas comunitárias são atividades realizadas em família.

A divisão sexual dos espaços e das atividades de sociabilidade e lazer reflete a divisão sexual do trabalho na propriedade. Pudemos observar, em nosso contexto de pesquisa, que todas as mulheres entrevistadas indicaram que começaram a trabalhar ainda crianças nas atividades domésticas, cuidando dos irmãos menores e de outros parentes que necessitavam de alguma atenção especial, principalmente, quanto à saúde, além de realizarem o trabalho na roça – onde seu ofício é considerado como *ajuda* (BRUMER, 2004).

Isso demonstra que, desde muito cedo, o tempo das mulheres está atrelado à dinâmica de vida de outras pessoas: inicialmente, a dos pais ou avós, depois do cônjuge, dos filhos e filhas, dos netos, dos vizinhos e, mesmo, ao envolvimento comunitário

(SCHWENGBER; PINHEIRO, 2014). Essa dinâmica faz com que, toda vez que elas queiram sair do espaço doméstico para o espaço público, elas tenham que antecipar inúmeras atividades que são vistas como de sua exclusiva responsabilidade, como preparar a comida, lavar a roupa, limpar a casa, entre outras.

A renda, obtida no meio rural, é considerada indivisível. No entanto, o dinheiro proveniente da venda das *commodities* agrícolas, normalmente, fica sob a responsabilidade dos homens e é utilizado para o reinvestimento nas lavouras e para o lazer masculino. Neste aspecto, algumas das mulheres interlocutoras de nossa pesquisa, têm se dedicado à confecção de artesanatos – crochê, tricô, bordado e pintura – e fabricação de produtos panificados e massas, que passaram a ser comercializados, gerando uma renda extra e exclusiva para elas. Elas também vendem outros produtos, como ovos, geleias, melados, etc., cuja renda é utilizada para ampliar o bem-estar da família.

A aposentadoria rural também tem valor expressivo para algumas mulheres propiciando-lhes uma maior independência quanto aos recursos monetários. Mesmo que o dinheiro recebido por elas seja, em grande medida, aplicado no bem-estar da própria família – utilizado para a compra de utensílios para a casa e materiais para a(o)s filha(o)s e neta(o)s –, o fato de terem o seu próprio ganho aumenta a autonomia financeira e também social dessas mulheres, pois não dependem de seus maridos, pais ou filhos para essas e outras aquisições. Mesmo com a ampliação da autonomia financeira, as atividades externas à propriedade, como as de venda e a participação em cursos técnicos, ainda são realizadas, na maioria dos casos, pelos homens.

A participação das mulheres no clube de mães abre a possibilidade de ação delas no espaço público, reconfigurando, em parte, a divisão dos papéis sociais que lhes foram historicamente atribuídos, permitindo ultrapassar a noção de tempo/espaço cotidiano, em

que as atividades das mulheres camponesas são invisibilizadas. Esse espaço de lazer oferece-lhes momentos lúdicos, para “se divertir” e para encontrar as mulheres da comunidade e de outros clubes de mães nas festas que são promovidas entre elas. Deste modo, os encontros e atividades em grupo servem para produzir e aprofundar identidades coletivas e produzir novas subjetividades (AZEVEDO, BARLETTA, 2011).

Ainda nesse sentido, as mulheres declaram que, antes da formação do clube, os dias da semana eram todos iguais, sempre voltados para o trabalho e que isso mudou com a criação desse espaço de vivência fora do ambiente doméstico. Uma vez por ano, elas viajam juntas – sem os filhos e filhas e sem os maridos –, o que adquire um significado importante, pois, “se não fosse o clube de mães” muitas mulheres não teriam a possibilidade de conhecer outras cidades. Como salienta uma delas: “antes as mulheres viviam entocadas só nas suas casas, agora não”. Portanto, no espaço do clube de mães é possível observar formas cotidianas de resistência e ampliação da autonomia.

O Clube de Mães “*Entre Amigas*”

Para entender o lazer de mulheres camponesas, tomamos como espaço privilegiado de análise o Clube de Mães *Entre Amigas*, fundado em abril de 1999 e um dos principais ambientes de sua sociabilidade. A entidade foi constituída com o auxílio da assistência social, da secretaria de agricultura e da prefeitura municipal e, no início, congregava aproximadamente 40 mulheres camponesas da comunidade. A diminuição do número de integrantes se deu porque algumas já faleceram, outras migraram para o espaço urbano e outras, ainda, desistiram de participar do clube.

A organização do clube ocorre da seguinte maneira: a cada dois anos, elas elegem uma diretoria – escolhida entre as mulheres participantes – pelo voto secreto. Desde sua

formação já se constituíram 14 diretorias, cada uma delas formada por uma presidente¹³, uma vice-presidente, uma secretária e uma tesoureira, além do conselho fiscal do grupo. É interessante traçar um paralelo com o estudo desenvolvido por Azevedo e Barletta (2011), em contexto de pesquisa em São Paulo, em que observaram, a partir de análise documental, que os clubes de mães tinham um modo espontâneo de se organizar, sem uma hierarquia rígida, e a divisão das tarefas ocorria considerando as habilidades e as experiências individuais de cada uma das mulheres, o que também observamos em nosso campo de pesquisa.

São as mulheres da diretoria que coordenam as reuniões e demais atividades, como festas, viagens, cursos etc., a partir de decisões coletivas. A troca periódica da diretoria do clube de mães, como salientam, permite que ideias e ações diferentes sejam executadas, já que a diretoria é responsável por propor atividades para o coletivo.

Nota-se que, mesmo que a proposta do grupo seja o revezamento das mulheres nos cargos diretivos, ao analisar os nomes das representantes, durante todo o período de existência desse clube de mães, observamos que alguns nomes se repetem em diferentes gestões, intercalando-se apenas os cargos assumidos. Algumas mulheres chegaram a fazer parte de 9 das 14 diretorias eleitas. Esse aspecto, conforme uma das interlocutoras pode gerar certo desgaste para aquelas que sempre estão envolvidas e mesmo para o grupo. Ela conta: “me estressei, por que eu estava sempre na diretoria, e a gente cansa. Quando fui presidente, deu muito incômodo, quando eu larguei resolvi sair do grupo para descansar a cabeça e depois voltei”. Outra mulher salienta que a composição da diretoria se dá por aquelas que “melhor sabem ler e escrever, que tem estudo”, visto que algumas delas (as

¹³ A presidente do clube de mães no momento da pesquisa não era mãe. Nesse sentido, observa-se que, mais do que privilegiar a dimensão da maternidade, é um espaço de sociabilidade para as mulheres camponesas.

mais velhas) têm o ensino fundamental incompleto, tendo estudado pouco, em razão das dificuldades de acesso à escola quando crianças e por trabalharem na roça desde a mais tenra idade.

O clube de mães “Entre Amigas” não possui ligação formal com igrejas e não se faz distinção religiosa para a participação no coletivo, porém, as suas reuniões iniciam com rezas cristãs/católicas. Nas entrevistas, várias mulheres relataram que receberam o convite para participar do grupo na igreja – que é o local onde os avisos sobre os mais diversos assuntos comunitários são propagados, inclusive os do clube de mães. Nos registros de várias atas do clube, identificamos momentos de oração, com pedidos de intercessão divina pelas famílias de falecidos, doentes da comunidade ou pelos familiares das mães, constituindo-se uma ligação informal com a religiosidade católica.

Além da conexão religiosa, é possível identificar relações de cuidado e afeto entre as mulheres que fazem parte do clube, com suas vizinhas e parentes. Em uma das reuniões do clube de mães, da qual participamos, uma das mulheres fez o convite para seu aniversário e salientou que o “presente” deveria ser um quilo de alimento, pois estavam arrecadando para doar para duas famílias que passavam por dificuldades econômicas. No dia da celebração, as mulheres do clube e outras moradoras da comunidade compareceram, assim como as duas mulheres que receberam os alimentos. Em posterior conversa com a aniversariante, essa se emocionou ao relatar a quantidade de itens arrecadados, a alegria das famílias que receberam e a sua satisfação em realizar a festa.

O clube de mães recebe o auxílio da prefeitura municipal que fornece o transporte para a convivência nas festas de outros clubes de mães e também auxilia na viagem anual que é feita entre as mulheres, além de fornecer material de artesanato. Este apoio está pautado na ideia de lazer e sociabilidade comunitários, vistos como responsabilidade do poder público local. A EPAGRI também contribui através da oferta de cursos que visam

aprendizado do processamento de alimentos e de confecção de artesanato para o âmbito doméstico, mas também para a geração de renda complementar para as integrantes do grupo.

Deste modo, o clube é um elo fundamental de relações entre o poder público e a comunidade, através da extensão rural e da assistência social. Através do clube, a Secretaria de Assistência Social (SAS) executa várias atividades, como encontros formativos, motivacionais e entrega de materiais. Para a extensão rural, fomentada pela EPAGRI, o clube é o local de encontro das mulheres, ambiente para oferta de cursos, distribuição de sementes, mudas e de informações referentes a diversos temas ligados ao meio rural e ao âmbito doméstico.

No entanto, com raras exceções, evidenciamos que todos os cursos prestados pelas instituições públicas para as mulheres eram de artesanato (bordado, crochê, costura...), culinária ou práticas de saúde. Além disso, são distribuídos, nos encontros, utensílios para a casa, toalhas, lençóis, chaleiras, potes, tapetes ou peças de decoração, o que reproduz os papéis tradicionais de gênero, relegando à mulher o espaço doméstico e de cuidado com a casa e a família. Mesmo que as mulheres tenham participado ativamente desses cursos e se apropriado desses conhecimentos, merece destaque a falta de diversidade na formação ofertada, o que pode evidenciar/reproduzir a divisão sexual do trabalho e dos espaços de sociabilidade.

As mulheres se reúnem na primeira quinta-feira do mês, data que está marcada no calendário da prefeitura e da EPAGRI, na qual as funcionárias destas instituições poderão encontrar as mulheres da comunidade reunidas. Cada clube de mães do município¹⁴ tem uma data fixa definida para as reuniões, possibilitando que as instituições públicas

¹⁴ Atualmente, segundo dados da Secretaria de Assistência Social, existem 43 clubes de mães no município, dos quais 12 são na zona urbana e 31 na zona rural, totalizando aproximadamente 1500 sócias.

possam ter acesso a eles. Além disso, elas se reúnem no primeiro sábado de cada mês, a fim de propiciar a participação das mulheres que trabalham e vivem na cidade.

Nesses encontros, elas reúnem-se para conversar, trocar informações referentes à comunidade, tomar chimarrão, lanche (em cada encontro, algumas mães ficam responsáveis por levar o lanche), fazer cursos de artesanato para uso próprio e da família e/ou para comercialização, realizar cursos sobre plantas medicinais e sobre saúde, trocar mudas e sementes, organizar jogos e festas etc. Assim, se observa aqui o que foi salientado por Fassini; Machado e Schultz (2013, p.426) – em seu contexto de análise de um clube de mães no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul – “ter com quem conversar e a satisfação de produzir coisas (por isso, a importância dos trabalhos artesanais) são aspectos preponderantes no significado da existência do grupo”.

O clube de mães, em algumas situações, permite que ocorra o incremento da renda das mulheres, a partir do aprendizado dos cursos realizados pela EPAGRI e prefeitura, possibilitando a venda de artesanato e de alimentos, como pães, geleias, queijos, massas etc. Essas vendas permitem melhorar a sua renda e a de suas famílias, como já apontamos acima.

Algumas mulheres indicam que houve objeções dos maridos na sua participação no clube de mães e nas festas que ocorrem em outras comunidades, organizadas por outros clubes, ao mesmo tempo em que reafirmam sua decisão em continuarem participando. Como as entrevistas foram feitas somente com mulheres integrantes do clube de mães, não é possível identificar o quanto essas objeções pesaram para que algumas de fato não, frequentem mais ou nunca o tenham feito, pois há uma quantidade significativa de mulheres na comunidade que não fazem parte do clube. Algumas participantes apontam que essa objeção dos maridos pode ser um motivo dos impedimentos para aquelas que não participam, visto a relação de poder patriarcal intensamente presente entre as famílias

rurais.

A atuação das mulheres no clube de mães propicia um maior reconhecimento delas nas suas famílias e na comunidade. Algumas delas salientaram que, antes de formarem o clube de mães, as mulheres pouco saíam de casa, não conheciam as comunidades vizinhas e muito menos outras cidades, e isso foi possível pela organização coletiva. Neste sentido, mesmo que o clube de mães pareça, em um primeiro olhar, apenas um espaço de reprodução de papéis sociais de gênero, elas produzem, a partir desta experiência, formas silenciosas de resistências, mesmo que sem ações ostensivas (SCOTT, 2011).

Elas realizam, uma vez por ano, uma festa que, além de ser um espaço de sociabilidade e de interação com toda a comunidade, familiares, amigos e mulheres de outros clubes de mães da região, permite a arrecadação de recursos financeiros para a manutenção do grupo. Suas famílias participam na organização da festa, auxiliando nas tarefas definidas por elas. A programação destas festas consiste na recepção das visitantes, no almoço conjunto, música e dança, gincana e exposição e venda de produtos artesanais.

Mostra-se interessante observar o significado atribuído ao grupo pelas jovens mulheres, filhas de camponesas da comunidade. Elas, mesmo quando migram para os espaços urbanos, em busca de trabalho assalariado, continuam a frequentar o clube de mães, assegurando o estreitamento de laços com sua comunidade de origem. Para viabilizar a participação delas, são realizadas duas reuniões por mês, permitindo que, nos finais de semana, aquelas que migraram para a cidade e que têm trabalhos assalariados regulares também possam comparecer.

As jovens mulheres relataram que entraram no grupo por influência das mães e que continuam a frequentá-lo para manterem os laços com a localidade onde nasceram e viveram a sua infância e juventude. Elas expressam que não querem perder o vínculo

existente com a comunidade, pois essa sociabilidade é importante para as suas vidas. Algumas delas manifestam o desejo de retornar, futuramente, para a zona rural, para morar, em razão da tranquilidade e da convivência com as pessoas de seu círculo familiar e de amigas.

Elas afirmam a importância do clube de mães, como lugar de interação social e se empenham pela sua continuidade. Uma das mulheres expressa que gosta tanto desses encontros que “se sobra apenas duas pessoas no clube, será eu e a presidente, porque adoro participar e ver minhas amigas”. Outra diz, “enquanto eu puder caminhar, eu estarei lá, pois eu gosto muito. Se tem trabalho a gente faz, se não, a gente coloca a conversa em dia”.

No entanto, também ocorrem conflitos e tensionamentos, nesse lugar de sociabilidade, devido aos “fuxicos” (as fofocas), apontados por algumas participantes e que podem provocar desentendimentos entre elas. Como disse uma das entrevistadas: “se todo mundo fosse atrás dos fuxicos não teria mais clube de mães, algumas saíram por isso”. Ela ressalta que não se pode levar tudo a sério no que se refere às conversas que circulam entre elas.

Assim, o clube de mães assume uma importância significativa no lazer e sociabilidade de mulheres camponesas, em que se estabelecem laços de apoio mútuo, de confraternização, mas também de conflitos e desentendimentos.

“Devolver a Visita ou Trocar as Festas”: Encontros e Celebrações entre Clubes de Mães

A relação com outros clubes de mães de comunidades vizinhas e de outros municípios da região também é um importante aspecto de sociabilidade para as mulheres, possibilitando a convivência entre elas nestes encontros festivos. Os diversos clubes de

mães promovem festas e convidam as mulheres das outras comunidades, realizando aquilo que elas denominam como “devolver a visita ou trocar as festas”. Nessas trocas pode-se observar as dinâmicas de dádiva e reciprocidade, criadoras de sociabilidade e vínculo social, alicerçadas no movimento de dar, receber e retribuir (MAUSS, 1988), ou como salienta Strathern (2006, p.240) “as dádivas criam dívidas e as dívidas mantêm a circulação”.

Neste sentido, o convite e a participação das festas pelas mulheres dos clubes de mães, criam vínculos que revelam a continuidade das relações entre as diversas comunidades rurais. Em contexto de pesquisa de uma comunidade camponesa no Rio Grande do Sul, Wedig e Menasche (2009, p.3) observaram que “as festas comunitárias alimentam laços de sociabilidade entre os membros da própria comunidade e desses com os de outras comunidades próximas, a quem são oferecidos convites de participação das festas, abundância de comidas, danças, alegrias, que são novamente retribuídos”, o que também é observado em nosso contexto de pesquisa.

Entre os clubes de mães podem acontecer uma ou duas festas por mês e cada uma delas reúne até 500 pessoas. Como expressa uma das mulheres “antes, a gente nunca saía para conhecer uma outra comunidade, hoje, com o clube de mães, a gente conhece todo mundo das comunidades [...] faz aquela integração em que todas se conhecem e todas se visitam”. É nos encontros entre os clubes que também trocam ideias acerca do funcionamento dessas organizações e toma-se conhecimento sobre as inovações feitas por um grupo, que podem ser inseridas na dinâmica de outro, se as integrantes acharem conveniente.

Na pesquisa, todas relataram que o clube de mães intensifica o apoio mútuo entre as mulheres que dele participam, e grande parte delas acredita haver um estreitamento de laços entre as integrantes, no entanto, isso não significa que não mantenham também

alianças com as demais mulheres da comunidade que não participam do clube. Esses fatores, junto com as confraternizações comunitárias e as celebrações coletivas de aniversários e outras, evidenciam o laço afetivo que promove uma rede de apoio entre as mulheres que integram o clube e com isso “aumentam a amizade” entre si, pois, como afirma uma das entrevistadas, “se tu sabe que alguma das mulheres tem algum problema, você vai lá e quer saber o que aconteceu e vai dar apoio”.

Outro ponto interessante é a interação que se dá, através do processo de reciprocidade, entre o clube de mães e a comunidade rural, na organização de várias atividades festivas e religiosas e no apoio às atividades dos jovens e das crianças. Em épocas de campanhas eleitorais, é no clube de mães que os candidatos, dos mais diversos partidos, apresentam suas propostas políticas, o que não quer dizer que suas integrantes votem uniformemente, mas demonstra o reconhecimento público e político desse espaço na comunidade.

O clube também proporciona a constituição do apoio mútuo e de reciprocidade entre as mulheres, como salientou uma delas: “sempre que tem alguém doente na comunidade, a gente se organiza para auxiliar a família”, e esse apoio pode ser afetivo, econômico ou de trabalho. Assim, as ações das mulheres camponesas podem ser compreendidas como aquilo que Shiva (1993) denomina de economia gratuita, considerada como o núcleo não monetário da economia e da sociedade, pautada no trabalho não remunerado das necessidades familiares, das atividades comunitárias, do auxílio mútuo e da cooperação das redes de vizinhança. Também pode ser compreendida como economia da dádiva, que estabelece uma relação intensiva entre os sujeitos envolvidos na troca, diferente da economia mercantil, pautada na troca monetária de mercadorias (STRATHERN, 2006).

Percebe-se, assim, que o clube de mães propicia, para as mulheres camponesas,

trocas de experiências bastante significativas, além de ser um dos poucos locais de lazer para a maioria delas. Esse ambiente organizativo também tem oportunizado uma maior autonomia para as mulheres, que passam a sair do espaço doméstico e a se relacionar com mulheres de outras comunidades e a conhecer outras cidades no país.

Algumas Considerações Finais

O olhar sobre as formas de sociabilidade das mulheres camponesas permite compreender as mudanças, mesmo que sutis, operadas nas suas vidas e que se refletem nas dinâmicas cotidianas, comunitárias e nas relações entre as próprias mulheres. Se, como declarou uma interlocutora, na época dos seus pais, “a mãe tinha que servir o pai, a mulher não podia sair sozinha”, ou, como outra salientou, que na geração anterior “as mães não saiam, só iam na festa da comunidade”, hoje, essas relações se modificaram, produzindo uma maior autonomia, mesmo que ainda se observe uma intensa divisão sexual do trabalho e dos espaços. As mulheres ainda são responsáveis, em grande medida, pelo trabalho doméstico, embora, em alguns casos, os demais membros da família *ajudem* nesse trabalho. Desse modo, as hierarquias continuam a operar no cotidiano das famílias.

Observa-se que o clube de mães que, a princípio, poderia parecer apenas um espaço de reprodução do papel social atribuído às mulheres camponesas, constitui-se como uma esfera na qual vão se modificando, mesmo que sutilmente, as relações de poder na comunidade rural e nas próprias famílias. Assim, mesmo que usando a nomenclatura moral que as legitima como sujeitos – o de ser mães –, o espaço do clube de mães permite construir outras formas de política de gênero, construindo novas subjetividades (LUNA, 1995), apoio mútuo entre as mulheres e a saída da esfera doméstica, mesmo que de forma ainda tênue. Se as mães quase não saiam, as mulheres do clube de mães estabelecem uma intensa sociabilidade entre as mulheres da comunidade e de outras comunidades.

Nesse sentido, esta pesquisa aporta o entendimento de que há uma importante dimensão política na participação das mulheres no clube de mães, pois organizar-se, enquanto coletivo de mulheres, não é tarefa simples em um cenário social fortemente marcado por relações patriarcais. No contexto analisado, reconhece-se que o clube de mães ocupa um lugar de melhora nas condições de bem-estar das mulheres ao se constituir como um espaço de lazer, de aprendizado de ofícios que permitem uma renda extra para elas, além de propiciar a criação de uma rede de apoio mútuo entre o grupo, de estimular uma maior autonomia no interior da família e lhes dar maior visibilidade na comunidade. A participação no clube de mães lhes permitiu movimentar-se fora dos lugares a que estavam habituadas, rompendo com as fronteiras do doméstico, passando a ocupar outros espaços e alterando, com isso, sua maneira de viver e a compreensão de sua realidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. J.; BOTELHO, M. I. V.; FIÚZA, A. L.; PEREIRA, E. T. Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n.1, p. 39-49, 2009.
- ANJOS, G. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos Pagu**. n. 31, p. 509-534, 2008.
- AZEVEDO, J.; BARLETTA, J. O Cedem e os documentos dos clubes de mães da região Sul (SP). **Cadernos Cedem**. São Paulo: Ed. Unesp, v. 2, p.133-146, 2011.
- BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.9-17, 1998.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**. v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.
- FASSINI, E.; MACHADO, N. G.; SCHULTZ, G. Identidade e pertencimento: a dinâmica social de um grupo de mulheres no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Cadernos Pagu**, n. 41, p. 405-433, 2013.
- JOAQUIM, M. S. **Militantes de clube de mães**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2013. 244 p.

LUNA, L. G. Los movimientos de mujeres an América Latina o hacia una nueva interpretación de la participati3n política. **Boletín Americanista**. v. 35, p. 249–56, 1995.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988. 209 p.

SANTIAGO, I. M. F. L.; OLIVEIRA, M. T.; ANDRADE, H. C. Movimento comunitário dos clubes-de-mães em Campina Grande: recorte de gênero e democracia. **Revista Ártemis**. v. 10, p. 34-44, 2009.

SCHWENGBER, M. S. V.; PINHEIRO, N. L. G. M. A tríade de lazer de mulheres camponesas no meio rural de J3ia (RS): atividades religiosas, rede de vizinhança e festas comunitárias. **Gênero**. v.15, n.1, p.69-80, 2014.

SCOTT, J. C.. Explora33o normal, resistênci3a normal. **Revista Brasileira de Ciênci3a Polític3a**, Brasíli3a , n. 5, p. 217-243, 2011.

SENNA, P. A.; FONSECA, R. M. G. S. Clube de mães: espaç3o para intervenç3o em saúde da mulher. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. v. 29, n. 1, p.34-46 1995.

SHIVA, V. O empobrecimento do ambiente: as mulheres e as crianç3as para o fim. In: MIES, M. SHIVA, V. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, p. 95-119.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora Unicamp, 2006. 536 p.

VIEIRA, S. B. O “abre alas” do movimento de mulheres no Rio Grande do Sul. **Revista de Ciências Humanas**. v.6, n.7, p.141-158, 2005.

WEDIG, J. C.; MENASCHE, R. Dádiva e reciprocidade: rituais religiosos e festivos na vida camponesa. In: CONGRESSO ARGENTINO Y LATINOAMERICANO DE ANTROPOLOGIA RURAL, **Anais...** Mar del Plata, Argentina, 2009.

Endereç3o dos Autores:

Josiane Carine Wedig
Rua Carlos Tumeleiro, 202 – Parque do Som
Pato Branco – PR – 85.505-422
Endereç3o Eletr3nico: josiwedig@gmail.com

Angélica Servegnini de Wallau
Rua Alcemar Soares, 186 – Bairro Aeroporto
Francisco Beltr3o – PR – 85.603-861
Endereç3o Eletr3nico: angelicawallau@gmail.com

Ana Flávia Padilha
Rua Telmo Octávio Muller, 465 – Centro
Marmeleiro – PR – 85.615000
Endereç3o Eletr3nico: anaflaviap_@hotmail.com

André Luiz Simonetti
Linha São Caetano, s/n - Zona rural
São Lourenço do Oeste – SC – 89.990-000
Endereço Eletrônico: simonettial97@gmail.com